

A educação em Portugal: o direito à indignação,

António Carlos Cortez (Diário de Notícias)

Paulo Freire (1921-1997), em *A Pedagogia da Indignação*, afirma: educar para uma permanente interrogação dos poderes que nos alienam, eis uma das nobres funções da docência. Quando o sistema global de educação tem como única ideologia o projeto de competição desenfreada, de corrida fratricida pelas energias já esgotadas do planeta, e do Outro, mais do que nunca ser-se professor é sinónimo de agente multiplicador de cultura. Ou assim deveria ser. Vivemos hoje uma educação vazia de sentido porque é a ganância, o sentimento da posse, o lucro e o deus-dinheiro as únicas traves-mestras do ser contemporâneo. A digitalização apenas veio dar força ao progressivo desmantelamento do sistema educativo, transformando o professor num mero gestor de unidades didáticas e num simples tarefeiro de ordens emanadas superiormente. Não se quer professores que leiam, que tenham tempo para ler e pensar – o que se pretende é gente acrítica, apaniguados do tecnicismo mais aviltante. Tutores *on-line*, é isso que está no horizonte... Mais barato, mais fácil e talvez se poupem milhões, julga-se.

Sem espírito e sem missão, porque nos foi roubado esse espírito, e sem missão, porque diluíram a memória da Escola como lugar do Saber, nenhum pequeníssimo oásis de cultura pode medrar na Escola e na Universidade portuguesas. Uma fábrica de cretinice, de hipocrisia mascarada de rigor científico, eis o que temos. Sem liberdade e sem projeção imaginante dum outro futuro que rasgue a camisa-de-forças da pobreza, do desinteresse e da banalidade, não há um Portugal futuro. Rolo compressor de objetivos absurdos e que visam apenas fazer dos alunos novos escravos para o mundo do trabalho, a Escola disse não, com a manifestação de 14 de janeiro, à visão instrumental da docência e da aprendizagem. Uma Escola sem imaginação, sem memória e sem cultura, é isso que temos quase 50 anos depois do 25 de Abril.

Os professores indignam-se contra a ideologia oca dos últimos 25 anos, a qual resultou no empobrecimento da nossa vida coletiva. Todos nós somos hoje vítimas de um aparelho tentacular de estupidificação mediática que impõe a superficialidade e a ignorância como apanágio do que é *cool* e moderno. As turmas são hoje aglomerados de adolescentes e jovens adultos (mas há cada vez mais crianças com este perfil) para quem

o professor é uma figura ridícula e a ridicularizar. Qual o valor de se tirar um curso superior neste país quando se sabe, de antemão, que quer se estude ou não todos irão para a Universidade e farão um curso (diz-se) “superior”? Que ideia de mérito estamos a passar aos mais jovens?

Não se pergunta, quem nos governa, que Portugal é este de que a escola é o espelho? É o país dos heróis da bola, dos comentadores da camisa aberta, dos ditos “senadores” que ninguém entende por que razão são fazedores de opinião, sempre inquinados pela ideologia oca dos partidos que representam. País que, dos Gouchas e Cristinas, às estrelinhas do *music-hall* lusíada, tem de perguntar: “Quem está a ganhar com isto”? Nós, professores, agentes máximos da formação do país, temos de levar estas perguntas também para a praça pública e promover um debate profundo! Pensar a educação significa pensar a cultura no seu todo, e, no seu todo, sem pejo, reconhecer que educar só é possível com professores, pais e governantes críticos da alienação, a outra face dos regimes totalitários.

Lembro, nesta ocasião, Mário Soares: “Os portugueses têm direito à indignação”. Agir e lutar criticamente – porque pensando a educação em alguns aspetos que aqui elenquei – isso tem de legitimar a força das nossas reivindicações. É que neste país há uma democracia a defender e sem professores dignificados, sem uma carreira que chame os melhores, Portugal está condenado a ser esse país à esquina da Europa, e do Planeta, como escreveu António Nobre.